



**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PSICOMOTRICIDADE**

**CARLA DE OLIVEIRA ROMÃO**

**COMO A PSICOMOTRICIDADE LIDA COM A  
DIFERENÇA?**

Gênero e Raça no Campo Psicomotor

Rio de Janeiro

2023

**CARLA DE OLIVEIRA ROMÃO**

**COMO A PSICOMOTRICIDADE LIDA COM A DIFERENÇA?**

Gênero e Raça no Campo Psicomotor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Em Psicomotricidade, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Machado de Lima

Rio de Janeiro

2023

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

R761 Romão, Carla de Oliveira

Como a psicomotricidade lida com a diferença? : gênero e raça no campo psicomotor / Carla de Oliveira Romão. - Rio de Janeiro, 2023.

49 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Camila Machado de Lima.

1. Psicomotricidade – Estudo e ensino. 2. Relações de gênero. 3. Raças. 4. Identidade. 5. Diferenças individuais. I. Lima, Camila Machado de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**CARLA DE OLIVEIRA ROMÃO**

**COMO A PSICOMOTRICIDADE LIDA COM A DIFERENÇA?**

Gênero e Raça no Campo Psicomotor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicomotricidade, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade.

Aprovado em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Camila Machado de Lima  
Colégio Pedro II  
Orientadora

---

Prof. Dra. Célia Regina Nonato da Silva Loureiro  
Colégio Pedro II

---

Profª. Ma. Hellenice de Souza Ferreira  
Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias  
Escola Municipal Manoel Joaquim Salgueiro

Rio de Janeiro

2023

A todas as pessoas que foram suficientes boas para mim  
e me permitiram chegar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Estudar Psicomotricidade foi e é um grande desafio e eu só posso agradecer a quem me motivou a estar nessa jornada: as minhas turmas de educação infantil, principalmente. Todas vocês crianças, que eu tanto incentivei a correr, pular, chorar, ficar com raiva. Sem saber bem o que estava fazendo, mas crente de que uma educação emancipadora se faz com o corpo inteiro. Sem olhar para vocês e querer muito mais que o melhor eu não me dedicaria tanto nos meus estudos continuados. E eu também não me permitiria sair tanto da minha zona de conforto, me defrontando com uma temática tão diferente dos meus títulos iniciais. Agradeço mesmo, Gratidão. Vocês me formaram e continuam me formando, desde a primeira turma até agora, sempre aprendo muito.

Agradeço também a minha turma da pós de 2022/2023 foi um longo processo, cansativo, às vezes doloroso, mas seguimos e estamos aqui. Obrigada turma por ser olho no olho, sorriso com sorriso, abraço, almoço, reclamação, ação. Não tenho saudades dos sábados, mas tenho saudades de vocês todas e todos.

Agradeço também a coordenação do curso na figura da Kátia, seu olhar carinhoso e gentil certamente contribui para que muitas de nós cheguemos ao final desse processo, toda força do universo para ti.

Agradeço também a todas as professoras que estiveram com a gente nesses longos sábados e que contribuíram com nossa formação acadêmica e pessoal.

E por fim agradeço a minha mãe ela que sempre me incentivou a estudar, sem ela talvez a escola não fosse uma constante em minha vida.

Obrigada gente, vocês são especiais!

Eles combinaram de nos matar,  
mas a gente combinamos de não morrer.

*Conceição Evaristo*

## RESUMO

ROMÃO, Carla de Oliveira. **Como a Psicomotricidade lida com a diferença?** Gênero e Raça no Campo Psicomotor. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicomotricidade) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho problematiza o campo psicomotor ao questionar como o mesmo lida com a diferença, destacando aqui as questões relativas a gênero e raça. Dentre os objetivos da presente produção está: entender como a prática psicomotora lida com a diferença de gênero e racial; pesquisar como o campo da psicomotricidade lida com a diferença; analisar os significados atribuídos a gênero e raça nos estudos psicomotores; investigar as produções de congressos de psicomotricidade a fim de entender qual a posição que as questões de gênero e raça ocupam no campo da Psicomotricidade. Para esse empreendimento apresenta a psicomotricidade enquanto ciência, utilizando marcos históricos para a formação da nova ciência. Para em seguida definir raça e gênero e articular esses conceitos com nossa produção identitária. Dentre os resultados encontrados no levantamento feito está uma baixa presença do tema gênero na produção do campo psicomotor, sendo encontrados somente dois trabalhos com essa temática, e uma invisibilidade da temática racial, uma vez que não foram encontrados textos relacionando essa temática com a psicomotricidade. Através desses resultados podemos concluir a falta de debate no campo psicomotor sobre a diferença o que pode comprometer os pressupostos básicos de formação da psicomotricidade, entendida como uma tentativa moderna de reunir corpo e mente, levando os sujeitos sociais a um maior equilíbrio. Tem-se através dos resultados desse estudo a necessidade de que o campo psicomotor desenvolva mais seu olhar para as diferenças que constituem os sujeitos sociais.

**Palavras-chave:** psicomotricidade; gênero; raça; identidade; diferença.

## ABSTRACT

ROMÃO, Carla de Oliveira. **How does Psychomotricity deal with difference?** Gender and Race in the Psychomotor Field. 2023. Course Completion Work (Specialization in Psychomotricity) – Dean of Postgraduate Studies, Research, Extension and Culture, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

The present work problematizes the psychomotor field by questioning how it deals with difference, highlighting issues related to gender and race. Among the objectives of this production are: understanding how psychomotor practice deals with gender and racial differences; research how the field of psychomotricity deals with difference; analyze the meanings attributed to gender and race in psychomotor studies; investigate the productions of psychomotricity congresses in order to understand the position that gender and race issues occupy in the field of psychomotricity. For this undertaking, it presents psychomotricity as a science, using historical landmarks for the formation of the new science. To then define race and gender and articulate these concepts with our identity production. Among the results found in the survey carried out is a low presence of the gender theme in the production of the psychomotor field, with only two works found with this theme, and an invisibility of the racial theme, since no texts were found relating this theme to psychomotor skills. Through these results we can conclude the lack of debate in the psychomotor field about the difference, which could compromise the basic assumptions of the formation of psychomotor skills, understood as a modern attempt to bring together body and mind, leading social subjects to a greater balance. Through the results of this study, there is a need for the psychomotor field to further develop its perspective on the differences that constitute social subjects.

**Keywords:** psychomotricity; gender; race; identity; difference.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABP – Associação Brasileira de Psicomotricidade

ACNUDH – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública

IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 PSICOMOTRICIDADE, QUE HISTÓRIA É ESSA?</b> .....	17
1.1 Marcos Históricos.....	18
1.2 Bases da Psicomotricidade .....	21
<b>2 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E AS QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA</b> .....	26
2.1 Questões de Gênero .....	27
2.2 Questões de Raça.....	29
2.3 Gênero e Raça na formação identitária.....	30
<b>3 GÊNERO E RAÇA NAS PRODUÇÕES DA ÁREA DE PSICOMOTRICIDADE</b> .....	35
3.1 O Levantamento .....	36
3.1.1 Os Congressos .....	37
3.1.2 Os Sites .....	39
3.2 Os artigos encontrados – uma análise .....	41
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio.  
Ecoou lamentos de uma infância perdida.

Conceição Evaristo<sup>1</sup>

Essa produção escrita visa analisar um pouco do processo reflexivo gerado no decorrer da Pós-graduação em Psicomotricidade realizada durante o ano de 2022 e de 2023. Que se traduz, dentre outras coisas, na produção de um trabalho de conclusão de curso no formato monográfico. Ao fazer isso muitas vozes ecoaram em mim, não só as vozes das colegas de turma e das professoras, mas também as vozes já ouvidas em meu processo formativo de vida.

Dentre as muitas vozes que ecoam em mim estão presentes as vozes daquelas e daqueles que me antecederam, que na luta pela possibilidade de eu existir perderam suas vidas. A minha liberdade, a minha existência, a minha possibilidade de escolha são possíveis graças a essas outras vozes. Essa reflexão atravessa a produção desse trabalho e estará presente em diversos momentos, como nessa introdução. Portanto, começar lembrando essas vozes e trazer aqui uma parte da poesia de Conceição Evaristo me permite reverenciar e ao mesmo tempo agradecer.

Ao me referenciar na poesia de Conceição posso resgatar algo que em territórios marcados pelo processo de escravização, como o Brasil, pode vir a ser algo muito difícil: a ancestralidade. Resgatar a figura da bisavó, ou tataravó, é entender que nós atravessamos um oceano e esse atravessamento vai marcar a nossa existência até os dias atuais. Esse processo também me permite lembrar o tema da produção desse trabalho ao perceber que muitas são as infâncias perdidas quando colorimos o corpo que a teoria psicomotora busca emancipar. E traz também a necessidade de reflexão que o campo psicomotor precisa considerar: a diferença. Para o espaço dessa produção, proponho o diálogo com duas diferenças específicas: o ser mulher e as relacionadas com a raça/etnia.

Como começo desse processo trago alguns elementos de minha trajetória para localizar o sujeito que produz esse trabalho e, em seguida, apresento a proposta que desenvolvo neste trabalho de conclusão de curso: sou mulher negra periférica, nascida em Belford-Roxo, desde a graduação minha linha de pesquisa e produção tem sido pensar na forma como a diferença entre sujeitos sociais cria desigualdade na existência desses sujeitos.

---

<sup>1</sup>CONCEIÇÃO, Evaristo. Vozes-Mulheres. In CONCEIÇÃO, Evaristo. Poemas de Recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

O fato de ter nascido e crescido em um município carente e ser uma pessoa mais sensível e atenciosa com as questões sociais, me fez ter uma percepção desde cedo do quanto nossas diferenças são transformadas em desigualdades e que isso tem um impacto grandioso em nossa formação identitária.

Sendo assim, em todos os espaços que atuo trago para a reflexão essa questão, elegendo como tema prioritário as mulheres e incluindo, agora, a questão racial. Sou feminista, costumo dizer que desde que nasci, pois desde cedo fui sensível as diferenciações produzidas entre meninas e meninos, feitas muitas vezes dentro da família. E pensar na forma como as diferenças entre mulheres e homens produzem desigualdades na vida delas tem sido uma constante, desigualdades essas que em muitos casos acaba com a vida das mulheres, vide o Brasil ser um dos países com maiores casos de feminicídio.

Também me identifico racialmente enquanto uma mulher negra que possui uma pele mais clara. Ler-me enquanto pessoa negra pode ser uma questão a depender do espaço que frequento, mas Sueli Carneiro, mulher negra, filósofa, em um de seus textos sobre os negros de pele clara, diz sobre como tentam aprisionar a imagem do ser negro e do ser negra em uma imagem estereotipada. Isso é bem fácil de ver nas campanhas publicitárias quando colocam uma única pessoa negra e assim acham que estão nos representando. Sueli, ainda afirma:

Branco [...] são individualidades, são múltiplos, complexos, e assim devem ser representados. Isso é demarcado também em nível fenotípico, em que se valoriza a diversidade da branquitude: morenos de cabelos castanhos ou pretos, loiros, ruivos [...] A branquitude é, portanto, diversa e policromática. A negritude, no entanto, padece de toda sorte de indagações (CARNEIRO, 2011, pg. 71).

Importante ressaltar que apesar de existir as variações fenotípicas entre a população negra, mesmo os negros de pele clara sabem desde cedo que são negros. Como eu, que durante muito tempo não sabia como me identificar racialmente, mas sabia que não era branca. Por que sentimos as marcas do não ser branco desde criança nas exclusões que são feitas ora de forma sutil ora de forma mais forte. Nos xingamentos sobre o que trazemos no corpo: cabelo, os traços, a cor. E quando crescemos percebemos as exclusões feitas em diversos locais: na abordagem policial, na universidade, no segurança da loja te seguindo e em tantos outros exemplos. Podemos até tentar ignorar, mas percorrer determinados espaços sociais deixa mais em evidência o nosso não pertencimento ao que no Brasil convencionou-se chamar de brancos. E isso gera impacto em nossa construção social.

Então, são essas as motivações que me levam a querer entender como a construção identitária impacta na prática psicomotora e o quanto a prática psicomotora impacta na construção identitária, querendo dessa forma entender se a Psicomotricidade considera em sua produção o possível impacto que as questões relativas à diferença e identidade podem ter em sua prática, principalmente em territórios como o brasileiro.

Entendo que um dos maiores desafios educacionais da contemporaneidade é produzir uma educação que seja de fato inclusiva para todos os indivíduos que estão compartilhando a sociedade entre si e uma educação não pode ser inclusiva se não pensa em como a nossa identidade interfere no espaço escolar. Assim, cabe-nos questionar em como mulheres e população negra estão sendo representadas nos variados espaços que atuam, se tem os seus percursos históricos enquanto população valorizados, se suas características pessoais são reconhecidas, se possíveis dores de estarem inseridas e inseridos em uma sociedade machista, racista e homofóbica é considerada e cuidada.

Essa e outras questões me atravessam quando penso em estudar a questão da diferença na prática psicomotora. Ainda sou novata nos estudos em psicomotricidade, mas a entendendo como uma ciência que busca compreender o ser humano como um ser inteiro e que ao fazer isso busca através de sua prática levar o ser humano a um equilíbrio. Permito-me questionar a noção de equilíbrio ao considerar a sociedade em que vivemos, questionando/tensionando, assim: como a psicomotricidade lida com a diferença? Quero entender se na produção relacionada ao campo de psicomotricidade existe essa preocupação/consideração. Entendo que ela, se existente, pode contribuir e muito para o combate às práticas discriminatórias dirigidas às mulheres e à população negra, promovendo de fato o equilíbrio desse corpo.

Vivemos em um país que concentra índices de alta desigualdade social. Somos o quinto país que mais mata mulheres no mundo, segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH<sup>2</sup>) e segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, ocorreram 1.341 feminicídios no ano de 2019 e no primeiro semestre de 2022, já se contabiliza mais de 31 mil denúncias de violência doméstica no Brasil<sup>3</sup>. A partir desses dados podemos concluir que as mulheres possuem um ambiente hostil no Brasil, que ainda convive com visões de estereótipos sociais que subalternizam esse indivíduo e as coloca em um lugar de baixo poder e prestígio social. Reafirmado por nossos

---

<sup>2</sup>Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/luta-contra-a-violencia-a-mulher-brasil-ocupa-o-5o-lugar-no-ranking-mundial-do-femicidio/>, último acesso em 09 de setembro de 2023.

<sup>3</sup>Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/destaque/5o-pais-mais-violento-para-as-mulheres-brasil-aprimora-politicas-publicas-mas-violacoes-a-dignidade-feminina-persistem/>, último acesso em 09 de setembro de 2022.

famosos ditados populares, tais como: “em briga de marido e mulher não se mete a colher” ou “ela pode não saber por que apanha, mas ele sabe por que bate”, e, ainda, “com essa roupa ela estava pedindo”.

Quando observamos os dados relativos à população negra, temos que 76,2% das pessoas assassinadas em 2020 eram negras, que as crianças vítimas da violência letal são majoritariamente negras – 63% das crianças de 0 a 9 anos e 81% dos adolescentes de 15 a 19 anos – e 61,8% das vítimas de feminicídio em 2020 eram mulheres negras, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP<sup>4</sup>). Fazendo com que a vivência da população negra também seja perpassada por vários estereótipos, preconceitos e discriminação que tendem a trazer prejuízos para as vivências dos sujeitos identificados racialmente como negros.

Assim, temos dois grupos que encontram muitas dificuldades para se estabelecerem nesse país com os referenciais de dignidade humana, tão aclamados na contemporaneidade. A população negra e as mulheres, ao longo de sua existência individual, tendem a se deparar com situações e vivências que fragilizam esses corpos em sua integralidade, são vítimas de variados tipos de violência que as discriminam e isso impacta a formação dessa identidade e a forma como esse corpo se projeta no mundo.

Quando olhamos para as mulheres negras, que interseccionam o sexo fragilizado socialmente – fragilizado no sentido de sofrer desvantagens sociais e não de fragilidade – e a raça, que historicamente foi discriminada em nosso país, temos um sujeito social que possui um dos piores índices de qualidade de vida, ainda segundo o FBSP. Ao olhar esse quadro tão alarmante cabe-me questionar como a prática psicomotora e a própria psicomotricidade, enquanto ciência, lida com a diferença que, no Brasil, gera desigualdade social e que impacta a nossa formação identitária, comprometendo a integralidade desse corpo.

Com isso, o objetivo geral dessa produção se configura como o seguinte:

- Entender como a prática psicomotora lida com a diferença de gênero e racial.

E os objetivos específicos são:

- Pesquisar como o campo da psicomotricidade lida com a diferença;
- Analisar os significados atribuídos a gênero e raça nos estudos psicomotores;
- Investigar as produções de congressos de psicomotricidade a fim de entender qual a posição que as questões de gênero e raça ocupam no campo da Psicomotricidade.

---

<sup>4</sup> Extraído do sítio [https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/a-violencia-contra-pessoas-negras-no-brasil-2021/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/a-violencia-contra-pessoas-negras-no-brasil-2021/), último acesso em 09 de setembro de 2022.

Na tentativa de atingir os objetivos aqui propostos esse trabalho se dividirá nas seguintes seções: esta introdução, que possui como objetivo apresentar a autora e informar o que se pretende nessa produção; o capítulo 01 onde apresento o campo psicomotor, trazendo um histórico de sua formação; o capítulo 02 onde apresento as temáticas relativas a gênero e raça/etnia e sua relevância em nossa formação identitária; o capítulo 03 em que apresento o levantamento feito em alguns acervos relacionados ao campo da psicomotricidade a fim de entender a forma como gênero e raça são ali considerados/nomeados. E, por fim, as considerações finais.

A escolha do desenho dessa produção escrita é feita a partir do modelo de pesquisa bibliográfica, onde a partir da temática estudada se seleciona determinados textos e assim se investiga a partir deles o que se está estudando/pesquisando. Segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021) esse modelo auxilia a pesquisa científica desde o início, pois ajuda a identificar o que se produziu sobre determinado assunto que se está estudando. Além disso, a pesquisa bibliográfica ajuda a nos atualizar sobre o tema estudado, fazer um levantamento histórico e produzir uma análise crítica a partir do material selecionado. Sendo assim, ela se torna um bom método para ser empregado nesse tipo de produção monográfica, pois nos permite conhecer a literatura produzida sobre o que estou me propondo a estudar. É importante pontuar que nesse tipo de pesquisa deve-se atentar para as produções que estão sendo selecionadas, pois é fundamental que essas produções sejam de acervos confiáveis e com referências (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021).

O modelo de pesquisa bibliográfica foi escolhido na produção de todos os capítulos que compõem essa produção, em especial o capítulo 03 onde apresento o levantamento. Esse formato me permitiu selecionar alguns textos com os quais eu dialogo na elaboração dos capítulos aqui desenvolvidos.

A linguagem escolhida nessa produção é feita pelo uso do feminino, entendendo a área da educação como uma área que é conduzida majoritariamente pelo público feminino nada mais justo do que nos nomear e não se utilizar de um genérico masculino que tende a nos invisibilizar. Também é escolha da autora dessa produção apresentar as autoras pelo nome e sobrenome, daquelas com os quais eu faço um diálogo mais constante ao longo da produção – isso será feito na primeira vez que mencionar a autora. Nessa apresentação da autoria também se torna pertinente apresentar o campo de atuação e/ou área de pesquisa da autora. Essa é uma tentativa de promover um diálogo com uma metodologia crítica baseando-me em um saber localizado.

Saber localizado é uma ferramenta metodológica defendida por autoras críticas do fazer científico, como Donna Haraway, bióloga e filósofa. Haraway argumenta em defesa de uma produção do saber que seja responsável, onde haja localização do que se fala e onde o sujeito do conhecimento seja visto como um ator e um agente situado em um tempo e em um espaço. Segundo Haraway (1995) essa seria uma visão que não fecha, mas abre as possibilidades de construção do saber. Será um exercício ativo a tentativa de abrir e não fechar as possibilidades presentes nesse trabalho. E o cuidado com a linguagem será um ponto de relevo para a produção aqui elaborada.

Importante pontuar, também, antes de prosseguir que esse trabalho possui limites dentro de uma produção acadêmica: é fruto de uma pós-graduação *latu sensu*, onde o tempo de produção é mais curto do que uma produção monográfica de nível de graduação ou mesmo em uma pós *strictu sensu*. Soma-se a essa questão o fato de a autora dessa produção ser uma mulher trabalhadora com duas matrículas como professora: uma na educação infantil da rede municipal de Duque de Caxias e outra na rede estadual com a disciplina de Sociologia. Sendo que na rede municipal, infelizmente, não há a aplicação da legislação referente a um terço de planejamento para as professoras, o que onera qualquer tentativa de estudo continuado. Essa monografia reflete isso, ela deve ser lida com essas ressalvas, que não serão usadas como desculpas, mas sim como elementos que devem ser considerados dentro da produção desse texto, sendo constitutivos desse trabalho.

## 1 PSICOMOTRICIDADE, QUE HISTÓRIA É ESSA?

A voz de minha avó ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

Conceição Evaristo<sup>5</sup>

A busca pelo corpo é uma busca incessante. Buscamos nosso corpo desde antes de nascer, após o nascimento buscamos no corpo um portal de entrada para a vida em sociedade e para a manutenção de nossas necessidades vitais. Ao longo do nosso desenvolvimento, a depender de nossa cultura, certos aspectos e partes desse corpo serão valorizados e outros nem tanto e outras ainda serão completamente negligenciadas.

Ao longo da história da humanidade diferentes culturas tentaram entender e nomear esse corpo, para a cultura ocidental separar corpo e mente foi uma constante e até hoje podemos encontrar essa separação em diversos espaços sociais, tanto na infância como na vida adulta. A escola foi feita para a ‘mente’, e esquece-se, comumente, de que a mente ocupa um corpo e só pode existir com ele e esse corpo precisa igualmente ser desenvolvido em sua plenitude.

Em algumas escolas, a partir de determinada idade deixa-se o ‘corpo’ ser trabalhado nas aulas de educação física, mas isso não é uma realidade de todas as escolas. Na vida adulta muitas profissões de dito prestígio social tem na mesa e na cadeira um lugar ideal para sua prática, esquece-se do movimento do corpo, focando sua prática somente na mente. Quando os problemas de saúde chegam culpa-se a falta de movimento, de prática de exercícios, mas desde a menor idade estamos sendo ensinadas a ficar sentadas e olhando para frente.

A Psicomotricidade faz parte desse esforço ocidental, para reunificar a nível social o corpo e a mente. Entendendo o ser humano como ele é: um corpo constituído de diversos elementos e partes que devem ser igualmente trabalhados e valorizados, até por que eles se complementam e são necessários para que o todo, o corpo todo, se desenvolva dentro de parâmetros reconhecidos como saudáveis para as sociedades ocidentalizadas.

É intenção desse capítulo definir Psicomotricidade e para tal trazer alguns marcos históricos da nova ciência que começa a se desenvolver no século XX, e em seguida discorrer sobre as bases da ciência psicomotora. Para tal utilizo a contribuição das seguintes autoras: Regina Morizot (2020), presidenta de honra da Associação Brasileira de Psicomotricidade

---

<sup>5</sup> CONCEIÇÃO, Evaristo. Vozes-Mulheres. In CONCEIÇÃO, Evaristo. Poemas de Recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

(ABP), fonoaudióloga, pedagoga e psicanalista; Agnès Michèle Marie Delobel Lorezon, mestra em Educação (1991); Danilo Marcondes, doutor em Filosofia (2006), Jocian Bueno (1998), mestra em educação e psicomotricista aquática; Vitor da Fonseca (2016), Psicopedagogo e Psicomotricista, professor na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

## 1.1 Marcos Históricos

Como destacado na introdução a busca pelo corpo é algo que diversas civilizações fizeram ao longo da história da humanidade. Por uma comodidade/racismo histórico é comum se remeter as ideias de Platão, pensador grego, e sua clássica cisão entre corpo e mente, ou corpo e alma. Criando, dessa forma, um dualismo que vai perdurar por séculos e creio que ainda seja uma referência para o pensamento ocidental contemporâneo, sendo comum separarmos corpo e mente a partir dos ideais platônicos.

Platão, que nasce em 387 a.c. e morre em 347 a.c., desenvolve uma filosofia que busca conhecer a verdade, e ao fazer isso constrói uma teoria sobre a natureza dos conceitos e das definições. Platão define a existência de dois mundos: um inteligível, ou das formas, e um mundo material, ou dos objetos concretos. A nossa alma teria acesso ao mundo inteligível, entretanto o corpo faz com que a alma tenha a visão das formas obscurecidas. As emoções humanas são os principais elementos de corrupção desse corpo e dessa alma, sendo assim é necessário separar essa alma desse corpo para, assim, conhecer a verdade. Segundo Marcondes (2006), o processo filosófico verdadeiro e correto, para Platão, seria justamente o de levar essa alma novamente para ver as formas como elas são.

Platão inaugura assim uma cisão que, com o tempo, ganhará novos nomes, mas que na história ocidental torna o corpo esse cenário corruptível, onde tende a não nos levar ao caminho da verdade e do bem, como sendo o espaço da enganação. Reafirmado por vários outros filósofos que fizeram questão de separar corpo e mente, corpo e alma, tal como Descartes e sua obra o *Discurso do Método*, de 1636.

Descartes foi um filósofo francês, nascido em 1596 e falecido em 1650. O desenvolvimento de sua teoria se dedica a produzir um método que seja científico, encontrando uma verdade que seja inquestionável. Ao fazer isso realiza algumas reflexões, dentre elas está uma afirmação de que não podemos confiar em nossos sentidos, pois segundo Descartes, eles são sabidamente enganosos. Em sua conclusão afirma a famosa frase: “Penso, logo existo” (MARCONDES, 2006).

E ao colocar a afirmação da existência humana em uma racionalidade, desconsidera todo o percurso desse corpo em busca dessa existência. Ao dar voz a “razão”, aqui lida como a mente humana, Descartes ignora o corpo e o chama de enganador, mas poderia existir a razão sem um corpo? O corpo não seria, portanto, o único lugar onde a razão poderia existir e se descobrir como existente?

Culturas não européias irão entender esse corpo sem essa cisão entre mente/alma e corpo, irão pensar o indivíduo/sujeito por inteiro. O pensamento ocidental, aquele que muitas vezes nos referenciamos, tem suas raízes fincadas em civilizações gregas e romanas e comumente esquece-se de se referenciar a outras civilizações tão antigas quanto essas, como as egípcias, chinesas, hindus que buscaram também pensar o ser humano, mas que diferentemente da tradição grega e romana não fizeram essa cisão entre corpo e mente. Esquece-se, muitas vezes, também, que a formação do pensamento grego, por exemplo, não foi obra dos deuses, mas que existem indícios de que houve uma troca grande ente Reinos Africanos e Grécia, por exemplo. Drusilla Dunjee Houston afirma em seu livro *Grandiosos Etíopes* que “A Etiópia foi a fonte de tudo o que o Egito conheceu e transmitiu à Grécia e a Roma” (HOUSTON, 2021, p. 22).

Trazer Platão e Descartes se torna importante para essa produção, pois a Psicomotricidade está sendo aqui considerada como uma das tentativas da modernidade para a reunificação desse sujeito, com sua alma/mente e seu corpo. Soma-se a presença desses filósofos clássicos a crítica a referência ao pensamento ocidental, uma vez que outras possibilidades de existência sempre foram possíveis, mas escolhas foram feitas baseando-se na supremacia de uma única forma de pensar e existir. Formas essas que são atualmente amplamente contestadas.

Ao avançarmos para o final do século XIX e início do século XX temos acúmulos consideráveis no campo científico, principalmente no campo médico, onde se investiga o desenvolvimento humano (LOREZON, 1991). Segundo Regina Morizot, psicomotricista, a França seria o berço da Psicomotricidade e a primeira nomeação do termo foi feita em 1870 por Karl Wernick, neuropsiquiatra. Ainda segundo Morizot foi Ernest Dupré que primeiramente, em 1907, enfatizou a relação entre psiquismo-motricidade, evidenciando assim o paralelismo psicomotor. Para Dupré a debilidade psicomotora estaria relacionada com a deficiência mental, surgem assim os primeiros trabalhos que focam nos movimentos corporais (MORIZOT, 2010).

Novas noções do campo da psicologia e da psicanálise são introduzidas no campo de saber que é produzido. A grande preocupação é com o desenvolvimento humano, os estudos

buscam a prevenção e a cura. Ao longo do século XX a Psicomotricidade vai se desenvolvendo com as contribuições de variados autores, podemos destacar aqui as contribuições de Henri Wallon, a partir de 1925, de Jean Piaget, a partir de 1936, referenciais importantes para o campo da Educação (LOREZON, 1991; MORIZOT, 2010). Segundo Agnes Lorenzon:

No segundo quarto do século XX, as obras de Wallon e Piaget abrem novas perspectivas ao conhecimento do desenvolvimento humano. O movimento constitui um elemento base no desenvolvimento que permite comunicação do psiquismo com o corpo, segundo Wallon, e estruturação da inteligência na teoria de Piaget, na área de Psicologia evolutiva, por seus trabalhos de embriologia motora à embriologia mental (LOREZON, 1991, p. 14).

Somam-se às contribuições de Wallon e Piaget as contribuições de Freud e a psicanálise. Nos anos de 1940 os trabalhos de Ajuriaguerra, psiquiatra espanhol, fazem uma releitura dos estudos de Dupré, Wallon e Piaget e o conceito de Psicomotricidade é reatualizado, sendo relacionado com o movimento (LOREZON, 1991). Para Regina Morizot, a psicomotricidade nesse momento “é vista como uma atividade de um organismo total e expressa a personalidade inteira, que corresponderia a uma análise geral do indivíduo, traduzindo um certo modo de ser motor e caracterizando todo o seu comportamento” (MORIZOT, 2010, p. 12).

Em 1963 a Psicomotricidade torna-se uma especialidade reconhecida na Europa, incentivada pela produção dos teóricos aqui elencados, que possuem atuação principalmente na França, Suíça e Espanha. Neste momento os grandes eixos com os quais vai atuar serão definidos, a saber: equilíbrio estático, equilíbrio dinâmico, coordenação viso-motora, organização espacial e temporal, estruturação do esquema corporal, lateralidade e domínio tônico.

Segundo Regina Morizot (2010), a Psicomotricidade no Brasil começa a se desenvolver nos anos de 1960, onde corpo e movimento eram valorizados como coadjuvantes em diversas reabilitações. Tendo como alvo principal os deficientes mentais, motores e sensoriais. E sendo seu objetivo maior integrar o indivíduo, que muitas vezes eram crianças, a dita “normalidade”.

A partir dos anos de 1970 inicia-se uma eclosão da Psicomotricidade no Brasil e com isso a necessidade de aprofundamento teórico e prático foi necessário. O Brasil recebeu diversas profissionais de renome internacional para realizarem cursos, principalmente na região sudeste. Na atualidade existe uma grande penetração da psicomotricidade em variados

espaços, atendendo variados públicos, além de contar com uma considerável produção científica, que reafirma cada vez mais a importância do campo para pensar o desenvolvimento humano. No próximo tópico irei explorar elementos que permitem considerar a Psicomotricidade como uma prática que busca a unificação do sujeito.

## 1.2 Bases da Psicomotricidade

A Psicomotricidade se configura como uma ciência prática, entretanto para ser ciência precisa também de um diálogo intenso com a teoria. Ao longo desta seção irei trazer elementos que organizam a prática da Psicomotricidade e que, ao mesmo tempo, dão o subsídio necessário para a construção da teoria da Psicomotricidade. Começo, então, com a definição presente no site da Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP), entidade que visa agregar as e os profissionais que se formam e trabalham na área. Segundo a ABP:

Psicomotricidade é a ciência que tem com objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. É sustentada por três elementos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto<sup>6</sup>.

Interessante destacar que a definição presente na ABP tem problemas: primeiro por que nenhum ser humano deve ser considerado objeto, ainda mais quando queremos, em uma atividade, lhe trazer emancipação. Pode ser considerado o sujeito de pesquisa, mas não o objeto, algo que é impassível, que somente recebe e nunca age. E, segundo, que a definição de homem não é representativo da população humana, somos seres humanos e não homem. O que já demonstra uma falta de cuidado com o ser humano, que nessa definição é objetificado e introduzido em um conceito genérico de homem, que são justamente as problemáticas que serão abordadas nos próximos capítulos. Foquemos, por enquanto, na definição da ABP ao trazer as noções de corpo em movimento e em relação com o mundo interno e externo, e na noção desse corpo como origem. É a partir do corpo que somos, e é somente com o corpo que podemos ser.

A Psicomotricidade é uma ciência que possui como linha de ação entender e aprimorar o movimento para melhorar o desenvolvimento humano. Ao fazer isso, considera que esse ato de se movimentar não pode ser dissociado do intelecto e do afeto. Por isso, considera o ser

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>, último acesso em 18 de julho de 2023.

humano como um ser inteiro e tenta superar a lógica dualista promovida por autores como Platão e Descartes.

A lógica dualista ou binária proposta por Platão e depois por Descartes precisou de um longo tempo para ser contestada, como vimos na seção acima. Contou com a colaboração de diferentes áreas, e destaco aqui os estudos relacionados ao desenvolvimento humano promovidos por Piaget, Vigotsky e Wallon, cada um em seu campo de estudo contribuiu profundamente para que a dissociação entre corpo e mente fosse revista e se incorporasse novas perspectiva para a compreensão do ser humano.

Jean Piaget (1896-1980) foi um biólogo suíço que investigou cientificamente o processo de aquisição do conhecimento pelo ser humano, principalmente com as crianças. Piaget afirma em seus escritos que o desenvolvimento intelectual é obra da sociedade e do indivíduo (PIAGET *apud* TAILLE, 1992). Entretanto, ao definir essa socialização do indivíduo Piaget afirma a necessidade de entender o contexto em que esta socialização é dada e de que forma ela é promovida. Para ele, é necessário equilíbrio e para tal os sujeitos envolvidos devem estar em um mesmo estágio de desenvolvimento. Sendo assim, “as diversas etapas que definem qualidades diferenciadas do ‘ser social’ acompanham as etapas do desenvolvimento cognitivo” (TAILLE, 1992, p. 17).

Os estágios do desenvolvimento propostos por Piaget seriam justamente a compreensão de como esse organismo reage ao mundo social e quais a possibilidades de ação dos adultos ao redor das crianças. Permitindo, dessa forma, também, conduzir uma melhor intervenção para que esse sujeito possa se desenvolver e/ou se equilibrar de acordo com seu período de desenvolvimento. Elementos importantes dos estudos de Piaget para a Psicomotricidade estão em entender que a criança possui um tempo de maturação próprio, que é definido biologicamente, mas que ao mesmo tempo precisa da intervenção dos adultos ao redor, no sentido de propor as possibilidades de construção do conhecimento pela criança. Soma-se a isso a afirmação de que para esse desenvolvimento acontecer, de forma saudável, a criança precisa ter acesso à brincadeira, ter prazer em agir e em pensar. Desenvolvendo dessa forma tanto o corpo quanto a mente, sinalizando assim que não existe dissociação entre mente e corpo, ambos são elementos importantes no processo de desenvolvimento humano (COSTA; RESENDE; TOLEDO, 2017; TAILLE, 1992).

Lev Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo russo, “sua teoria foi construída com base no desenvolvimento do indivíduo, resultado de um processo sócio-histórico, destacando a importância da linguagem e da aprendizagem” (BASTOS; PEREIRA, 2007, p. 2). Para o autor a aquisição de conhecimento se dá pela interação com o meio. Ao estabelecer esse

postulado, Vygotsky busca evidenciar como isso acontece. Ao imaginarmos um cenário escolar, o autor afirma a necessidade de no desenvolvimento de uma criança não é apenas importante considerar o que já está amadurecido, mas também é preciso perceber aquilo que ainda está em processo de formação. Segundo Bastos e Pereira:

A concepção histórico-social do desenvolvimento humano permite compreender os processos de interações existentes entre pensamento e atividade humana. Vygotsky dedicou-se a pesquisar a construção do ser humano nesse processo que é dialético e histórico, e sua concepção de sujeito entende que a relação com a realidade se dá por meio de mediações, as quais permitem que ele seja transformado pela natureza, que, por sua vez, é transformada por ele. Assim, a mediação se processa pela utilização de instrumentos e signos que possibilitam, pela interação social, a transformação do meio e dos sujeitos (BASTOS; PEREIRA, 2007, p. 7).

Ao reconhecer que é necessária a mediação para que o desenvolvimento se dê, Vygotsky reconhece o papel social do processo educativo, ao mesmo tempo em que evidencia que essa mediação não pode ocorrer de qualquer forma, é preciso respeitar o desenvolvimento desse indivíduo. Contém nesse ideal um elemento psicomotor de relevo para a formação dessa ciência. Sem a mediação não existe a possibilidade de existência humana, precisamos do outro para existir.

Henri Wallon (1879-1962) foi um psicólogo e filósofo francês, responsável por sistematizar a Psicomotricidade como campo científico. Em seus estudos buscou relacionar a ação das funções mentais com as ações motoras, reforçando a não separação entre esses dois campos. Entende as crianças como tendo necessidades nos campos motores, afetivos e cognitivos, e para um bom desenvolvimento é preciso que ela seja estimulada em todos os níveis. O movimento tem um eixo central em sua produção, pois o entende como instrumento do psiquismo e é com seu conceito de esquema corporal que introduz um elemento base para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, esse corpo em movimento seria um elemento fundamental de sua teorização. Segundo Galvão (*apud* BASTOS; PEREIRA, 2007, p. 11):

A ótica walloriana constrói uma criança corpórea, concreta, cuja eficiência postural, tonicidade muscular, qualidade expressiva e plástica dos gestos informam sobre os seus estados íntimos. O olhar se dirige demoradamente para a sua exterioridade postural, aproveitando todos os indícios.

Inaugura uma forma única de entender o desenvolvimento humano a partir do olhar para as crianças. Vê, assim, a criança em dimensão revolucionária para a época e até hoje difícil de ser considerada em nossa sociedade. Ao entender a criança como esse ser que é

inteiro, que não pode ser dividido, segmentado, separado constrói as bases do pensamento psicomotor: a de que há paralelismo entre atividade psíquica e atividade motora (BASTOS; PEREIRA, 2007; MELO, 2006).

As produções relacionadas à Psicomotricidade avançaram muito desde os estudos de Piaget, Vygotsky, que não mencionaram a Psicomotricidade, enquanto ciência, mas contribuíram com suas produções para o pensamento crítico relacionado a essa área. Os escritos de Wallon demonstram um grande avanço já definindo a Psicomotricidade enquanto campo científico e trazendo os elementos que seriam basilares para pensar a prática psicomotora.

Na contemporaneidade existe uma afirmação da Psicomotricidade como campo transdisciplinar, segundo Vitor da Fonseca (2016) esse campo estuda e investiga as relações e as influências recíprocas e sistêmicas entre o psiquismo e o corpo, e o psiquismo e a motricidade, que seriam emergentes da personalidade total do ser humano. Afirma ainda que existem múltiplas e complexas manifestações biopsicossociais, afetivo-emocionais e psicossociocognitivas que devem ser consideradas na caracterização do ser humano.

Para o autor é importante compreender a concepção multifacetada da Psicomotricidade e da corporeidade humana, onde a Psicomotricidade é o “suporte corpóreo das funções mentais, de onde emana a identidade singular e plural do indivíduo, nos inúmeros aspectos da sua evolução complexa e única, isto é, do seu desenvolvimento, da sua socialização e da sua aprendizagem” (FONSECA, 2016, p. 16). A Psicomotricidade possui uma visão holística do ser humano, como um indivíduo inteiro, que possui um corpo e uma mente, e um precisa do outro para se desenvolver, ao afirmar isso esse campo põe questiona/tensiona o dualismo que foi perpetuado por muitos séculos, como já afirmado aqui.

Apesar do contínuo avanço da área os grandes eixos que compõem a prática psicomotora já serão definidos desde a década de 1950. Na contemporaneidade observamos que esses eixos podem ser considerados na prática psicomotora, mas que a prática não se limita a observação desses eixos, como já afirmado com a ajuda de Fonseca (2016) a Psicomotricidade busca um olhar holístico do indivíduo, então o treino da motricidade, por si só, não satisfaz a prática psicomotora.

Bueno (1998) afirma que na prática psicomotora é necessária a estimulação do desenvolvimento psicomotor para que haja consciência dos movimentos corporais integrados com sua emoção. Ainda, para a autora, a Psicomotricidade é necessária tanto para a prevenção e tratamento das dificuldades quanto para a exploração do potencial criativo de cada uma e de cada um. A autora divide as condutas psicomotoras em funcionais e relacionais.

As condutas funcionais referem-se àquelas cuja a ação, a qualidade e a mensuração são possíveis de serem percebidas e são elas: coordenação dinâmica global; coordenação motora fina; postura; tônus; equilíbrio; respiração; esquema corporal; lateralidade; relaxamento; organização espacial; organização temporal; ritmo; estruturação espaço-temporal, percepção.

Já as condutas relacionais são aquelas que reconhecem a necessidade que o outro exista para que o seu corpo se forme também. Segundo Bueno (1998, p. 72): “Nossa abordagem só pode ser desenvolvida por meio do corpo que se expressa, que revela sua personalidade mais agressiva, mais afetiva, que se entrelaça na personalidade de outros”. E Bueno chama a atenção para as seguintes condutas relacionais: expressão; afetividade; agressividade; limites e corporeidade.

Ambas as condutas se complementam e forma o inteiro que nós somos, o ato de explorar cada conduta dessas conduz o indivíduo para um estado de maior realização. E na criança, permite uma entrada mais positiva no ambiente escolar, podendo ter mais destreza na aquisição de algumas habilidades ao ter um bom desenvolvimento de suas condutas psicomotoras, tanto as relacionais quanto as funcionais.

No próximo capítulo vou tecer algumas considerações sobre as questões relacionadas à raça e a gênero, para então considerar como esses elementos impactam em nossa formação identitária. Tensionando, com isso, como se configuram essas faces de nossa identidade em um país desigual como o nosso e como isso é, ou não, considerado na prática psicomotora.

## 2 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E AS QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA

A voz da minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo de trouxas roupa suja dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela.

Conceição Evaristo<sup>7</sup>

A Psicomotricidade é uma ciência que busca entender o ser humano como um ser indivisível, único, inteiro e, para tanto, tenta superar as separações que o pensamento ocidental insiste em colocar sobre o corpo, separando corpo e mente, corpo e alma, corpo e identidade, corpo e verdade. Entendendo esse ser humano como um corpo “inteiro” e sem o qual não podemos existir torna-se importante nesta pesquisa problematizar como a Psicomotricidade lida com nossos pertencimentos identitários em suas linhas de ação.

Escolho para realizar esse debate os conceitos de gênero e raça, os entendendo como de relevo em nossa formação identitária, principalmente em um território como o brasileiro onde as populações negras, de mulheres e de homossexuais sofrem diversos tipos de violências e violações. Essa observação pode ser comprovada ao acessarmos os dados sobre a nossa realidade: o Brasil é o quinto país do mundo em ranking de violência contra mulher<sup>8</sup>; as mulheres brancas recebem em média 70% a mais que as mulheres negras, segundo dados do IPEA<sup>9</sup> e é a população negra jovem uma das maiores vítimas da violência urbana, em 2021 - segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública da UNICEF, 80% das mortes violentas envolvendo jovens de 15 e 19 anos eram negros<sup>10</sup>. Quando olhamos para as pessoas LGBTQIA+ temos dados que desde 2018 as situações de violência têm aumentado, segundo pesquisa realizada pela Fundação Ford - do total do número de pessoas entrevistadas, 51% relatam que já sofreram algum tipo de violência motivada por sua orientação sexual ou identidade de gênero, deste total 94% sofreram violência verbal e 13% violência física<sup>11</sup>.

É objetivo desse capítulo explorar algumas considerações sobre gênero e raça e como esses elementos se organizam em nossa formação identitária, a fim de que eu possa subsidiar

<sup>7</sup> CONCEIÇÃO, Evaristo. Vozes-Mulheres. In CONCEIÇÃO, Evaristo. Poemas de Recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

<sup>8</sup> Extraído do sítio <https://portal.unit.br/blog/noticias/brasil-ocupa-o-5o-lugar-no-ranking-da-violencia-contr-a-mulher/>, último acesso em 24 de julho de 2023.

<sup>9</sup> Extraído do sítio: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>, último acesso em 24 de julho de 2023.

<sup>10</sup> Extraído do sítio: <https://averdade.org.br/2022/11/negra/>, último acesso em 24 de julho de 2023.

<sup>11</sup> Extraído do sítio: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>, último acesso em 24 de julho de 2023.

as questões que estou apresentando para a pesquisa aqui proposta. O texto segue discorrendo sobre questões de gênero, para em seguida debater as questões de raça e por fim debater como esses elementos são importantes na nossa formação identitária.

## 2.1 Questões de Gênero

O conceito de gênero foi desenvolvido no decorrer da chamada *segunda onda feminista*, que tem seu início no Ocidente, nos anos de 1960, e se constitui por meio de uma intensa produção realizada por teóricas e militantes em diferentes setores. O feminismo é um movimento teórico e político que busca assegurar, nas sociedades ocidentais, os direitos das mulheres na mesma equivalência que o dos homens. Já que, historicamente, nessas sociedades as diferenças biológicas entre homens e mulheres foram usadas como subsídios para assegurar as desigualdades entre esses sujeitos sociais. Os períodos onde há grande produção da temática feminista ficaram conhecidos como ondas e, é, justamente, na segunda onda feminista que o conceito de gênero terá um cenário propício para sua teorização e aplicação.

Com conquistas asseguradas em muitos países do mundo, as feministas, nesse momento, começavam a se debruçar sobre áreas da vida que eram consideradas privadas, que não eram debatidas em público – relação marido e mulher, violência doméstica, prazer feminino –, mas que, em seu interior, perpetuavam práticas machistas. Portanto, o pessoal torna-se político e os estudos e ações feministas começam a discutir o que acontece nas casas e nas relações familiares (VARELA, 2008). Promovendo, dessa forma, um cenário até então inédito na história dessas sociedades, onde o que acontecia dentro da casa das pessoas começava a ser visto como de relevo e importante de ser considerado dentro da produção acadêmica.

Segundo Varela (2008), o desenvolvimento e aprofundamento do conceito de gênero pelo feminismo foram feitos pelo grupo conhecido como feministas radicais. Gênero começa a ser entendido como uma construção cultural produzida ao longo da história, que, nas sociedades ocidentais e naquelas colonizadas por países europeus, afirma uma dominação masculina e uma sujeição feminina, ou seja, denominaria os aparatos culturais que fazem com que nós crescamos influenciados por essa hierarquização.

O uso do conceito de gênero faz parte de uma revolução política, pois desloca a dominação das mulheres como algo dado pelo mundo da natureza, tido até então como imutável, para algo que é construído pelo mundo social, cultural, e que, portanto, pode ser transformado. Desse modo, ganha força a compreensão de que, mesmo antes de nascermos,

somos educadas a partir de nosso gênero – na escolha de roupa, de nomes, a cor de nossos brinquedos, que atividades poderemos fazer – e isso não é algo natural, como Millet, que foi uma das primeiras a usar o termo gênero, explicava:

O desarrollo de la identidad genérica depende, e nel transcurso de la infancia, de la suma de todo aquello que los padres, los compañeros y la cultura e general consideran próprio de cada género em lo concerniente al temperamento, al carácter, a los intereses, a la posición, a los méritos, a los gestos y a las expresiones. Cada momento de la vida del niño implica una serie de pautas acerca de cómo tiene que pensar o comportaser para satisfacer las exigências inherentes al género (MILLET *apud* VARELA, 2008, p. 182).

A partir do uso deste conceito, as teóricas feministas abriam um leque de possibilidades para os estudos acadêmicos, questionando as desigualdades em diversos campos de saber. Este conceito é o marco da *segunda onda feminista*, momento das lutas feministas caracterizado pela preocupação com a diferença (MATOS, 2008). Foi possível com ele também questionar os determinismos que estavam dados as mulheres e aos homens, ou seja, o que se esperava socialmente destes sujeitos não estava relacionado com a natureza, vista como imutável, mas sim com a cultura, que é vista como mutável. A partir dessa compreensão as possibilidades femininas se multiplicaram, era possível fazer além do que era esperado socialmente para as mulheres. Destaco aqui a perspectiva das mulheres por que sociedades como a nossa tendem a limitar a atuação feminina, existem opressões que são específicas aos homens, entretanto elas não limitam profundamente a possibilidade de atuação masculina. Eles podem existir em variadas áreas, as mulheres ainda não.

Desde os anos de 1960 muitos são os avanços relacionados ao conceito de gênero. Na atualidade, esse conceito ainda é um elemento importante para se considerar a formação dos sujeitos: apesar de existir a crítica ao binarismo proposto pelo conceito de gênero – ou você é menina ou você é menino – ele ainda é utilizado para nomear e construir a maioria dos sujeitos sociais, e se reconhece com mais facilidade que não há nada de natural em nossa formação biológica e sexual, ou seja, ser homem e ser mulher são construções sociais e culturais. E a forma como as diferentes sociedades irão entender esses sujeitos causará impacto na formação destes.

No Brasil temos um cenário de grande prejuízo para a construção do ser mulher, ainda muito atrelado a papéis ditos tradicionais e visões objetificadas do ser feminino, o que tende a trazer prejuízos nas vivências de mulheres, principalmente, mas também de homens que não conseguem romper com estigmas limitantes sobre a masculinidade.

## 2.2 Questões de Raça

As questões raciais se tornam de grande relevo em um país como o Brasil: último país a abolir oficialmente a escravidão, onde o tráfico negreiro trouxe do continente africano mais de cinco milhões de pessoas negras escravizadas para realizar trabalhos forçados e, onde, também a escravidão durou 388 anos, de forma oficial. Após a abolição a população negra e recém liberta foi abandonada a própria sorte, sem nenhum tipo de política pública promovida pelo Estado brasileiro para diminuir os grandes prejuízos causados pela escravização compulsória.

A maior marca desse histórico, que é muito mais do que foi sinalizado aqui, é a permanência ainda hoje do racismo como prática institucionalizada em diversos setores e núcleos da sociedade. Apesar de existir um consenso de que não há diferentes raças entre os seres humanos, existe sim um sentido social para “raça”, pois os traços físicos podem influenciar na forma como determinadas pessoas serão tratadas socialmente (IBASE, 2008). E forma em territórios como Brasil, que nunca teve uma legislação segregacionista, como Estados Unidos e África do Sul, um tipo específico de racismo que só pode ser combatido com a formação e a institucionalização de práticas conscientes de combate ao próprio racismo. Já que o racismo promovido em nosso território tende a ser conduzido a partir da ótica dos costumes sociais, que somente na contemporaneidade começam a ser debatidos, questionados e criminalizados com maior relevo e discussão social.

Ser negro ou negra no Brasil traz um tipo de vivência específica para esse corpo. Nilma Lino Gomes, professora da UFMG, afirma que “No Brasil, o corpo negro ganha visibilidade social na tensão entre adaptar-se, revoltar-se ou superar o pensamento racista que o toma por erótico, exótico e violento” (GOMES, 2017, p. 94). A escolha entre adaptar-se, revoltar-se ou superar o pensamento racista irá depender das condições de existência possíveis para os sujeitos sociais. Essas condições não podem ser somente responsabilidade do indivíduo, mas sim de todo um aparato social que deveria existir para que população negra pudesse existir de acordo com o que afirma a legislação brasileira de que todas e todos são iguais, como consta no artigo 05 da Constituição Federal de 1988.

Ainda segundo Gomes (2017) em nosso país a leitura sobre ser negro, sua história e cultura ainda é regulada pela ótica do racismo e pelo mito da democracia racial. Mito esse que, durante muito tempo, fez crer que em nosso país não havia diferenças entre as raças, o Brasil sendo reconhecido por uma verdadeira harmonia social entre negros e brancos. Mito

que foi sustentado por literaturas como *Casa-Grande e Senzala*, publicado pela primeira vez em 1933, escrito por Gilberto Freire, que espalhou pelo mundo a imagem de um Brasil harmônico do ponto de vista racial. Sendo contestado pelas pesquisas que mostram que existe grandes diferenças entre a população branca e negra, mostrando ser um lugar de grande prejuízo para quem é socialmente identificado como negro. Temos uma legislação que tenta superar essa ótica racista ao tornar obrigatório o ensino e cultura Afro-brasileira nas escolas. Entretanto, a aplicabilidade dela segue comprometida. Ao promover a igualdade étnico-racial à lei 10.639/03 busca positivar a presença negra na história do Brasil e promover uma permanência bem sucedida da população negra na escola (ROCHA, 2013).

Muitas são as lutas sociais promovidas pela população negra brasileira no intuito de conquistar a equidade racial, exemplo disto é o Movimento Negro Brasileiro. Segundo Gomes (2017) o Movimento Negro no Brasil vai ressignificar e politizar a ideia de raça, percebendo nela a sua potência de emancipação e vendo como ela opera na construção das identidades étnico-raciais. É ainda o Movimento Negro que alerta a sociedade e o Estado “para o fato de que a desigualdade que atinge a população negra brasileira não é somente herança de um passado escravista, mas sim, um fenômeno mais complexo e multicasual, produto de uma trama complexa entre plano econômico, político e cultural” (GOMES, 2017, p.26).

A promoção de legislação que impõe a igualdade e de políticas públicas para promoção da igualdade racial já são uma realidade no Brasil, mas enquanto essas regulações não são efetivadas a população negra, em sua maioria, segue tendo episódios negativos relacionados à sua negritude. Muitas vezes essas vivências se iniciam na escola. Quem de nós, reconhecidas socialmente como negras, não tem uma história para contar de discriminação e preconceito que aconteceu na escola? Então, ser negra ou negro no Brasil traz uma vivência específica que precisa ser considerada, tanto para ressignificar os episódios negativos quanto para valorizar os positivos.

### **2.3 Gênero e Raça na formação identitária**

Nas sociedades ocidentais, durante um grande período da história, foi valorizada exclusivamente a visão do homem enquanto sujeito universal, ou seja, portador da qualidade da natureza humana, de uma razão que lhe possibilita sair do estado da natureza e formar uma sociedade (ORTIZ, 2007). Essa visão de universalidade, desde seu princípio, esteve ancorada na imagem de um ser que é homem, branco e heterossexual, deixando à margem todas as

outras possibilidades de manifestação do ser humano, entre elas, as mulheres, a negritude e tantos outros povos originários.

Esse sujeito universal foi o modelo que as diferentes ciências ocidentais usaram na formação dos seus saberes, portanto, muito do que foi construído teve como princípio formador e objeto de estudo o masculino. Um exemplo disso é o homem vitruviano de Da Vinci, que representa o modelo ideal para o corpo de um ser humano, que afirma um modelo ideal e harmônico para a humanidade: o masculino.

Entre as explicações que poderiam existir para que esse modelo de sujeito universal esteja sendo contestado, concordo com Stuart Hall (2015), filósofo jamaicano, quando afirma que a crise de identidade na modernidade tardia deslocou as antigas maneiras sociais de pensar e abalou as ancoragens que se tinha no mundo social, fato que possibilitou, por exemplo, a formação da Psicomotricidade, enquanto ciência.

Assim, novos elementos são vistos, possibilitando outros debates, que não eram considerados pelos velhos quadros de referência. Referências representadas, por exemplo, por Descartes, como exposto no capítulo um desse trabalho, ao formular a proposição “Penso, logo, existo”, sintetizou a concepção de sujeito racional, pensante e consciente que predominou na modernidade ocidental (Hall, 2006). Os conceitos de gênero e raça fazem parte dessa movimentação, e começam a ser considerados na formação identitária dos sujeitos. Para Hall (2015, p.12):

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Identidade pode ser compreendida como um processo de produção simbólica e discursiva, fazendo parte de uma relação social, que por sua vez é formada por relações de poder (SILVA, 2014). Sendo assim, existe na formação identitária dos sujeitos sociais uma imposição, já que ao sermos inseridas na sociedade nosso primeiro movimento é de aceitar as definições que nos são dadas e só futuramente é que poderemos contestá-las.

Quando esta identidade nos é imposta, muitas vezes, afirma uma possibilidade de existência excluindo outras, por exemplo: às meninas afirma-se que devem gostar de rosa e são amplamente estimuladas a isso, e ao aceitarem o rosa acabam por excluir outras cores de

suas preferências. Como se gostar de rosa impossibilitasse gostar também de outras cores. Também podemos usar como exemplificação desse fato ao problematizarmos o conceito de beleza que duramente muito tempo esteve presente na sociedade brasileira, onde se associava ser bonita com não ser negra, ou não ser reconhecida socialmente como tal.

Um exemplo relacionado ao cotidiano escolar poderia ser de uma pesquisa realizada por Carvalho (2009) que investiga como se produzem trajetórias escolares de fracasso com maior frequência em crianças do sexo masculino e nos dá exemplo de como as professoras podem estereotipar meninas e meninos. Ao serem questionadas em entrevista sobre o que seria um bom aluno, as professoras dessa pesquisa afirmaram que bom aluno é “quem participa; quem consegue ter um elo legal com o grupo; quem se envolve com a escola” (CARVALHO, 2009, p. 37). Porém, as meninas tidas como boas alunas não possuíam essas características, geralmente eram caladas e não questionadoras.

Podemos concluir, com isso que determinar um jeito de ser em uma identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. Segundo Tomaz Tadeu da Silva:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única (SILVA, 2014, p. 83).

Sendo assim, quem pertence a essa identidade e não “age” de acordo com o descrito será rechaçado socialmente. E quem não pertence será sofrerá também pelo fato de não estar incluída nessa norma. Entretanto, a tentativa de fixação da identidade é uma impossibilidade e gera variados conflitos como o descrito por Sojourner Truth – abolicionista afro-americana, escritora e ativista – em um discurso de 1851, que traz uma série de contestações que, para a época, eram inéditas e que somente foram aprofundadas em outro tempo histórico:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E

não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravo. Quando manifestei a minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH *apud* RIBEIRO, 2017, p.20).

Ao proferir seu discurso, Sojourner Truth traz diversas interrogações às questões relativas à identidade, que compõem elementos relacionados tanto ao gênero/sexo, quanto à raça. Como mulher negra a ela não foi imposta nenhuma das reticências que são impostas às ditas mulheres, reconhecidas, com sua fala, como pertencentes a um tipo específico de etnia/raça, e, ao mesmo tempo, por ser negra, ela não poderia ser considerada frágil a ponto de despertar a ajuda e a solidariedade. E, mesmo assim, ela não deixava de ser mulher.

Com isso podemos observar que o poder de certas identidades é tamanho ao ponto de se verem como universais, ao ponto de deixarem de perceber que existem outros sujeitos que possuem elementos daquela identidade, mas que não são tratados de acordo com o esperado para aquela identidade. Isso por que a identidade normativa só serve para alguns sujeitos, não para todos, ou seja, se você é uma mulher branca tudo bem ser frágil, mas se for uma mulher negra isso não é visto assim. Assim, há os componentes de classe, raça e sexualidade na formação da identidade que não permitem essa fixação com que se tentou trabalhar ao longo da história da sociedade ocidental e que tendiam a desestabilizar os pressupostos afirmados para essas mesmas identidades.

Esses elementos nos ajudam a pensar que a Psicomotricidade ao considerar o sujeito, o ser humano e seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo deveria também considerar as significações sociais que esses corpos humanos adquirem ao longo da história pessoal desses sujeitos, mas também ao longo da história coletiva desses grupos. Temos uma identidade que é pessoal, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, as nossas idiossincrasias tão pessoais, tão nossas, mas também temos uma identidade que é coletiva, que faz parte da nossa cultura: o nosso jeito de falar, de andar, de considerar o mundo. E essa cultura está relacionada à como esse corpo se projeta no mundo, não para definir, mas sim como um ponto de suporte desse sujeito no mundo.

Então, a Psicomotricidade ao trabalhar esse corpo e esses mundos internos e externos deveria considerar também essas formações, penso que a prática psicomotora deveria tentar alinhar a preocupação da inserção equilibrada do sujeito no mundo com um discurso político também, mas não vi em minha formação na pós essa preocupação no quadro de disciplinas e nas aulas. Para mim que sou uma mulher negra tentar entender/equilibrar/me conectar com o meu movimento, o meu intelecto e o meu afeto é entender que existem grandes violências que foram praticadas contra sujeitos sociais como eu, e que algumas dessas violências também

foram vivenciadas por mim. Precisa haver reconhecimento e nomeação dessas violências e também das resistências. A prática psicomotora que se pretende como emancipadora do sujeito não pode ser uma prática apática, ou simplesmente recreativa.

A proposta de pesquisa que origina esse trabalho vem acompanhada dessas reflexões e tenta entender a forma como a Psicomotricidade considera essas questões em seu fazer. Para tal empreendimento cabe-me questionar: qual o impacto de nossos pertencimentos identitários na formação de nossos corpos? Como a generificação e a racialização impactam a construção dos corpos? Essas construções e visões sobre o corpo estão pautadas na prática psicomotora? Será que essa diferença é nomeada? E quando não é, ela deixa de existir e de impactar o trabalho no desenvolvimento da integralidade do sujeito. Como ser inteiro se não se considera a sua existência no social? Existe forma de equilíbrio humano ou tentativa que não passe também pelo debate social, da nossa formação identitária, e, portanto, das questões relativas à diferença?

Sei que o fato de não ter contato com essas questões no curso não quer dizer que elas não estejam sendo debatidas, por isso me interessei em investigá-las e de colocá-las em diálogo com a prática psicomotora. Esse capítulo é justamente para nos fazer entender como as questões relativas à raça e gênero são importantes na formação dos sujeitos sociais e o próximo capítulo tenta justamente trazer essas questões para o centro do debate dentro das produções da área de Psicomotricidade. Querendo, dessa forma, entender se há dentro do campo psicomotor alguma preocupação com essas questões em sua produção de conhecimento.

### 3 GÊNERO E RAÇA NAS PRODUÇÕES DA ÁREA DE PSICOMOTRICIDADE

A minha voz ainda ecoa perplexos com rimas de sangue e fome.

Conceição Evaristo<sup>12</sup>

É intenção, dessa produção, tentar entender a forma como as questões relacionadas a gênero e raça aparecem nas produções da área de Psicomotricidade. Como já exposto compreendemos que essas questões são de extrema importância para pensar o corpo inteiro do indivíduo, sendo elementos basilares de nossa identidade. E que no caso brasileiro fragiliza os corpos lidos como pertencentes a gênero e a raça não condizentes com um dito padrão universal, que vem sendo questionados ao longo do tempo, mas que ainda encontra representação nas práticas de variadas instituições.

Iniciou-se a produção deste trabalhado tensionando que se a psicomotricidade é uma prática que considera o corpo inteiro do sujeito, deveria também considerar os pertencimentos identitários desses sujeitos em sua prática. Foi importante trazer os seguintes questionamentos ao longo dessa produção: qual o impacto de nossos pertencimentos identitários na formação de nossos corpos? Como a generificação e a racialização impactam a construção dos corpos? Essas construções e visões sobre o corpo estão pautadas na prática psicomotora? Será que essa diferença é nomeada? E quando não é, ela deixa de existir e de impactar o trabalho no desenvolvimento da integralidade do sujeito?

As duas primeiras questões possuem um esboço de resposta que foi produzida ao longo do capítulo um e dois dessa produção. Algumas das demais tentarão ser respondidas nesse capítulo, entretanto reconheço que a possibilidade de uma resposta mais enfática para as questões apresentadas fogem a proposta das dimensões assumidas por esse trabalho de conclusão de um curso de especialização. Abaixo segue o levantamento feito nos acervos disponíveis de forma virtual na área de Psicomotricidade, que tenta entender como gênero e raça podem aparecer nessas produções.

---

<sup>12</sup>CONCEIÇÃO, Evaristo. Vozes-Mulheres. In CONCEIÇÃO, Evaristo. Poemas de Recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

### 3.1 O Levantamento

Para a pesquisa desenvolvida foi pensado o modelo de pesquisa bibliográfica onde eu pudesse fazer um levantamento sobre se o tema explorado é considerado dentro da produção de conhecimento da área de Psicomotricidade. Esse modelo foi aqui assumido como o melhor para essa produção uma vez que procurou através do levantamento de textos aqui produzido “referencias teóricas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura resposta” (FONSECA *apud* SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, pg. 66). Criando dessa forma um acervo com o qual eu pudesse dialogar e entender a abordagem do campo da Psicomotricidade com a temática da diferença.

A operacionalização dessa atividade se deu através da busca de textos da área de Psicomotricidade que se relacionassem com a temática pesquisada, ou seja, textos de psicomotricidade que tratassem das questões relativas a gênero e raça. O suporte de busca definido como possível para esse momento foi à possibilidade de acessar acervos através da internet e ao encontrá-los foi feita uma busca através de ferramentas de pesquisas disponíveis nos sites selecionados.

Uma referência possível para essa busca seria os Congressos Brasileiros de Psicomotricidade promovidos pela Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP), entidade que organiza o ofício em nosso território. Entretanto, na falta de variados anais disponíveis de forma virtual me fixei naqueles que estavam disponíveis e comecei a realizar a busca a partir do XII Congresso Brasileiro de Psicomotricidade, realizado no ano de 2013 no Rio de Janeiro. A busca não se conteve somente nos anais dos encontros a partir de 2013, por que infelizmente nem todos estavam disponíveis, mas foi ampliada para sites acadêmicos e a própria coletânea de artigos disponibilizada no site da ABP.

Para essa busca foram utilizadas as seguintes palavras chaves: *Gênero, Sexo, Raça, Etnia, Gays, Lésbicas, Homossexuais*. Essas palavras eram procuradas através do controle “Ctrl+L” no intuito de localizar nos anais qualquer referência as palavras selecionadas, seja nos títulos ou no corpo do texto. Nos bancos em que somente apareciam os títulos essas palavras eram buscadas nos títulos dessas produções. Como já afirmado nosso marco era o XII Congresso, mas como algumas buscas não tiveram resultado algum, as procuras foram ampliadas para outros acervos que estivessem disponíveis de forma digital e presentes no mundo virtual, sendo possíveis de serem acessadas através do computador de forma remota. Seguem abaixo os resultados.

### 3.1.1 Os Congressos

A ABP promove de formar regular congressos no intuito de formar as pessoas que atuam na área e divulgar os trabalhos associados à Psicomotricidade. Abaixo relaciono a busca feita a partir do XII Congresso realizado no ano de 2013.

- Anais do XII Congresso Brasileiro de Psicomotricidade - Vínculos em Psicomotricidade: o Real e o Virtual<sup>13</sup>

**Gênero:** foram encontrados 08 resultados, mas nenhum trata de gênero como uma temática de relevo da produção, sendo utilizado para falar de gênero textual ou para diferenciar menino e menina. Não há definições sobre o gênero. Em um trabalho sobre dança gênero e etnia aparecem, mas para demarcar uma suposta ‘democracia do corpo’, segundo a autora:

Qualquer corpo pode participar da dança. Com isto a dança se abre para uma 'democracia do corpo', a aceitação sem preconceito de gênero, de etnia, de idade, de limitações corporais. A valorização da diversidade abre espaço para experiências de inclusão, base da vivência coletiva em dança (**Corporeidade e criação coletiva em dança** Autores: *Mabel Botelli, Ruth Machado Barbosa, Marcus Vinícius Machado de Almeida* Instituição: *Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ*, 2013, p. 73).

Entretanto, não há nenhuma definição sobre o que seria gênero, etnia ou limitações corporais, conforme destaca a autora.

**Raça e Etnia:** Na busca pela palavra aparece 01 resultado. Dentre eles há menção a diferentes raças e grupos étnicos, sem nenhuma preocupação em problematizar o que as autoras estão reafirmando como raça ou para falar em diferentes raças, já que biologicamente podemos afirmar que somente existe uma, mas socialmente podemos falar dessas diferentes “raças”:

O conceito e a identificação da imagem corporal estão presentes nas diferentes raças e grupos étnicos, relacionando-se com a percepção, o desenvolvimento e a maturação corporal, bem como com fatores socioculturais (**A pluralidade dos vínculos em psicomotricidade: multi, inter e transdisciplinaridade** Autor: *Dayse Campos de Sousa*, Instituição: *Instituto da Primeira Infância – IPREDE*, 2013, p. 53).

---

<sup>13</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://pt.scribd.com/document/311256183/Anais-XII-Cong-Bras-Psicomotricidade-pdf>, último acesso 30 de agosto de 2023.

Na menção a raça e a etnia não existe nenhuma preocupação em se definir o que se menciona, dando a entender que as autoras possuem uma compreensão relativa ao senso comum dos termos. O que pode contribuir com o reforço de preconceitos e estereótipos associados aos termos.

Nas buscas relacionadas às seguintes palavras chaves: **Gays, Lésbicas e Homossexuais** não foram encontradas nenhum resultado, evidenciando a invisibilidade dessas questões no referido congresso.

**Sexo:** foram encontrados 14 resultados, usado para designar o sexo biológico dos participantes das pesquisas desenvolvidas. Não há definição em nenhum texto do que está sendo chamado de sexo, o que suponho se referir a sexo biológico.

- XIII Congresso Brasileiro de Psicomotricidade - Tessituras psicomotoras: Vozes da formação e da atuação profissional<sup>14</sup> realizado no ano de 2016: sobre esse congresso não consegui encontrar os anais disponível de forma remota na internet.
- XIV Congresso Brasileiro de Psicomotricidade: Se não tiver Arte, eu não vou<sup>15</sup> realizado no ano de 2019: também não foram encontrados os anais referentes a esse congresso, entretanto na lista de temas do congresso havia o seguinte tema: “Sexualidade, Gênero e Imagem de Si”.

Ao acessar a página da ABP havia alguns artigos relacionados a esse congresso e na busca realizada foi encontrado um artigo que trabalha com a temática de gênero, cujo o título é: “A Educação Psicomotora e a construção da expressão de gênero na infância” de autoria de Erica Frois<sup>16</sup>. O conteúdo desse artigo será explorado no próximo tópico. As demais palavras utilizadas para a busca: *Sexo, Raça, Etnia, Gays, Lésbicas, Homossexuais* não foram encontradas associações.

---

<sup>14</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://psicomotricidade.com.br/decimo-terceiro-congresso-brasileiro-de-psicomotricidade/>, último acesso em 30 de agosto de 2023.

<sup>15</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://psicomotricidade.com.br/i-congresso-internacional-e-decimo-quarto-congresso-brasileiro-de-psicomotricidade/>, último acesso em 30 de agosto de 2023.

<sup>16</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://psicomotricidade.com.br/a-educacao-psicomotora-e-a-construcao-da-expressao-de-genero-na-infancia/>, último acesso em 07 de setembro de 2023.

- XV Congresso Brasileiro de Psicomotricidade<sup>17</sup>, realizado no ano de 2022: nesse evento havia um eixo temático relacionado a gênero: “Campos de atuação: Gênero e Psicomotricidade: demandas da população LGBTQIA+”, entretanto nele havia somente um trabalho escrito relacionado com a temática de gênero. Sua autoria é de Juliana Castilho e de Renata Pinto e o título é “A imagem corporal de crianças transgênero: contribuições da psicomotricidade”. Essa produção será explorada em um próximo tópico. Não foram encontradas referências às demais palavras utilizadas para a busca.

### 3.1.2 Os Sites

Com intuito de possuir um maior acervo para análise das questões levantadas por esse trabalho a busca foi ampliada para além dos anais dos congressos e realizei a procura em alguns sites que possuem artigos acadêmicos.

- Scielo: o programa Scielo é um site que disponibiliza variados artigos e se configura como uma referência na divulgação de artigos científicos de variados países, incluindo o Brasil. Na pesquisa feita no banco de artigos do Scielo não foram encontradas nenhuma referência nos títulos as palavras chaves selecionadas para a busca (último acesso em 17 de agosto de 2023). Dentre as temáticas encontradas nessa busca está a psicomotricidade relacionada com a educação inclusiva, com o desenvolvimento psicomotor infantil, psicomotricidade e envelhecimento, criança e escrita, relação mãe e criança com deficiência, mas não aparecem associações quando colocamos psicomotricidade relacionada com: gênero, raça, etnia, homossexualidade, gays e/ou lésbicas;
- ABP<sup>18</sup>: como já mencionado o site da ABP mantém uma aba com artigos, com o intuito de fomentar o estudo e a divulgação das temáticas relacionadas à Psicomotricidade. Ao acessar esse acervo com as palavras selecionadas para a busca

---

<sup>17</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://proceedings.science/psicomotricidade-2022/trabalhos?lang=pt-br>, último acesso em 30 de agosto de 2023.

<sup>18</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://psicomotricidade.com.br/category/artigos/>, último acesso em 30 de Agosto de 2023.

somente foi encontrado um artigo, relativo ao congresso de 2019. As demais palavras não foram encontradas na busca realizada.

- Biblioteca do Colégio Pedro II – Trabalhos de Conclusão de Curso – Pós-graduação em Educação Psicomotora<sup>19</sup>: foi acessado também o acervo disponível de forma virtual no site da biblioteca do Colégio Pedro II, que guarda as produções da pós-graduação em Psicomotricidade. Estão disponíveis as produções de 2017 até 2021 e ao realizar a busca a partir das palavras selecionadas não foi encontrada nenhuma das palavras utilizadas para a busca nos títulos das produções feitas na pós e publicadas no site, até a data considerada no fechamento desse capítulo.

Ao visualizarmos os dados obtidos a partir do levantamento feito para essa produção podemos observar que a temática da diferença, onde gênero e raça se incluem, está bem invisibilizada no que é produzido e divulgado dentro da área de Psicomotricidade. Observa-se uma pequena entrada na temática de gênero, uma para falar das expressões de gênero na infância e outra para falar das crianças transgênero, o que pode significar que as questões relativas a gênero já estão ecoando nas práticas psicomotoras de alguma forma, ainda que timidamente. Contudo, não houve nenhuma menção as questões relativas à raça, nos fazendo crer que há um profundo apagamento dessa temática dentro da área da Psicomotricidade. O que nos leva a interrogar que corpo inteiro é esse que a Psicomotricidade divulga, será que é um corpo construído a partir de um padrão universal? Onde a raça predominante é a branca? Infelizmente na falta de dados para análise dessa temática nos sobram às interrogações.

Apesar das interrogações serem as mais usuais quando não encontramos dados para a análise podemos reforçar que a invisibilidade dessas questões fazem o campo da Psicomotricidade, enquanto uma ciência que busca o equilíbrio e uma maior conexão do corpo inteiro, ainda perpetuarem práticas e comportamentos associados com uma invisibilidade da diferença, tendendo a perpetuar uma maior prática associada ao dito sujeito universal, ou seja, pessoas brancas. Reforçando questões que foram levantadas no decorrer dessa produção onde se tem que a suposta invisibilidade tende a não promover a emancipação desse corpo, principalmente dos sujeitos sociais identificados socialmente como negros e mulheres.

---

<sup>19</sup> Disponível no endereço eletrônico: <http://www.cp2.g12.br/blog/propgpec/pos-graduacao/lato-sensu/educacao-psicomotora/trabalhos-de-conclusao-de-curso-educacao-psicomotora/>, último acesso em 17 de agosto de 2023.

A seguir vou me debruçar sobre as produções que foram encontradas com a temática de gênero, a fim de entender como gênero aparece nessas produções e quais as significações que são produzidas a partir desse conceito.

### 3.2 Os artigos encontrados – uma análise

O texto *Campos de atuação: Gênero e Psicomotricidade: demandas da população LGBTQIA+* de autoria de Juliana Castilho e de Renata Pinto divulgado no Congresso de 2022 não consta em sua versão completa nos anais do Congresso, constando somente o resumo. Mandei mensagem através da plataforma do Congresso para conseguir a versão completa do texto, entretanto até o fechamento deste trabalho não obtive resposta. Sendo assim, tratei alguns apontamentos que são relativos ao que foi publicizado no resumo.

As autoras possuem como objetivo “discutir a formação da imagem corporal de crianças transgênero e como este processo tende a influenciar nas suas relações pessoais e sociais da infância” (CASTILHO; PINTO, 2022). Para tal, fazem uma revisão de literatura de 20 artigos científicos e 04 livros. Ao considerar essa revisão pontuo que seria muito interessante para a pesquisa aqui desenvolvida ter acesso a esse material para entender com quais autoras e em quais perspectivas relacionadas a gênero Castilho e Pinto estão trabalhando e relacionando a prática psicomotora, e se de fato o conceito de gênero está sendo mobilizado nessa revisão e no próprio artigo das autoras. Entretanto, na ausência desse texto completo ficamos com as indagações relacionadas com a temática e na ansiedade de futuramente ter acesso a esse material. Portanto, sem condições de explorar mais elementos, uma vez que no resumo apresentado não há referências a autoras abordadas ou a obras consultadas.

O segundo artigo que analiso é o *A Educação Psicomotora e a Construção da Expressão de Gênero da Infância* de autoria de Erica Frois, apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Psicomotricidade: Se não tiver Arte, eu não vou<sup>20</sup> realizado no ano de 2019. O artigo completo pode ser consultado no site da ABP. O artigo consta de nove páginas e, segundo o resumo, possui como objetivo “promover uma reflexão sobre a educação psicomotora na escola como um espaço de construção da expressão de gênero na infância” (FROIS, 2019). Para tal, utiliza como abordagem psicomotora o método Aucouturier, afirmando que a partir da abordagem do jogo psicomotor proposta por esse método as crianças “poderão se nomear como ‘meninas’ ou ‘meninos’ para além de um discurso

---

<sup>20</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://psicomotricidade.com.br/i-congresso-internacional-e-decimo-quarto-congresso-brasileiro-de-psicomotricidade/>, último acesso em 30 de agosto de 2023.

heteronormativo e binário” (FROIS, 2019). O público alvo da ação foram crianças de 03 até os 10 anos.

Na introdução de seu texto, Frois define primeiramente expressão de gênero como o modo de situar-se em relação à categoria social ser menina ou menino, ao fazer isso não traz com qual definição de gênero está operando. Em seguida, ao definir Psicomotricidade o faz afirmando ser uma forma de compreender o “homem pela via do corpo e do movimento” (FROIS, 2019). Trazendo, dessa forma, a palavra homem como representante de humanidade e, sendo, não condizente com os pressupostos críticos que o conceito de gênero traz para a análise social.

No desenvolvimento do texto traz novamente a relação da Psicomotricidade como uma área que estuda o “homem” para em seguida trazer a definição de gênero a partir da autora Joan Scott, historiadora norte-americana. Ao fazê-lo, reconhece, em conjunto com Scott, que gênero é um elemento que permite diferenciar os sexos e que a partir disso cria relações de poder desiguais (FROIS, 2019). Mas, ao mesmo tempo, traz a definição de homem como representante de humanidade, sendo dicotômica em relação à crítica que o conceito de gênero produz.

Interessante pontuar que ao longo do texto meninas e meninos são chamadas de crianças ou de meninos e meninas, mas as educadoras e estudantes que auxiliam o processo ou que estão nos grupos são denominadas ‘educadores’, ‘graduandos’, ‘mediadores’. O reconhecimento do gênero dos sujeitos sociais que atuam na pesquisa se restringe às crianças. Sabendo que a educação é um campo de atuação profissional majoritariamente feminino, principalmente na faixa etária pesquisada, seria importante também problematizar as questões de gênero para além das crianças e nomear as educadoras, graduandas e mediadoras pelo gênero feminino. Visibilizando, assim, a atuação delas.

Essa feminização aparece somente quando a autora discorre sobre os resultados da pesquisa. Ela afirma: “Cenas como ‘brincar de salão’, ‘brincar de super-herói’, puderam ser problematizadas com as crianças e as educadoras, dando luz a um debate sobre o processo de construção de gênero na infância” (FROIS, 2019<sup>21</sup>). Entretanto, a autora não diz que problematizações foram essas ou quais conceitos de gênero estavam operando durante as ações do projeto desenvolvido. Seria interessante ter as descrições das cenas e analisar quais os significados de gênero estavam sendo utilizados pelas crianças.

---

<sup>21</sup> Colocar as páginas dos trechos destacados não será possível já que o texto se encontra em uma página de um site e sem possibilidade de ser baixado em pdf, por exemplo.

Não vejo no decorrer do texto uma grande problematização relacionada às expressões de gênero para além da definição que foi feita no início do artigo, e a pontuação feita com a ajuda de Joan Scott. A pesquisa desenvolvida, que parece ser interessante para analisar o que é proposto, não é refletida no texto com os dados que certamente foram gerados na observação das ações.

E me parece que o conceito de gênero é usado como um suporte para apresentar o método Aucouturier, que pode sim ser muito interessante para trabalhar a inclusão dos diferentes elementos que nos constitui. Como pontuado por Frois, o método possibilitou a “construção de uma realidade mais humanizada, igualitária, em favor do exercício pleno e democrático do ‘ser si mesmo’, exercer e construir as próprias potencialidades sem que a expressão de gênero ‘menino’ ou ‘menina’, fosse um determinante” (FROIS, 2019<sup>22</sup>). A autora nos leva a entender que durante o tempo das ações da pesquisa foi possível oportunizar para as crianças atendidas um ambiente atípico em suas realidades, o que contribui fortemente para a formação cidadã desses sujeitos, onde puderam se expressar livremente.

Ao ler o artigo esses foram os elementos que me chamaram atenção, considero que a autora poderia ter explorado mais o conceito de gênero no desenvolvimento da pesquisa, mas a vejo como inovadora na área, uma vez que foi somente esse artigo que pude analisar com a temática proposta para a produção desse trabalho.

Ao realizar o levantamento para essa pesquisa pude observar como a temática da diferença ainda está pouco representada dentro da área de Psicomotricidade, temos poucos estudos trabalhando com o conceito de gênero e nenhum trabalhando com a temática racial. O que nos leva a interrogar que ao definir o corpo inteiro do sujeito que pressupostos estão sendo considerados dentro da área psicomotora e a interrogar também como isso se manifesta na prática dessa área. Será que ao invisibilizar essas questões a prática psicomotora não perpetua comportamentos machistas, racistas, homofóbicos e classistas? Mais uma vez fica a interrogação. E isso nos leva a parte final desse trabalho de conclusão de curso.

---

<sup>22</sup> Idem a última nota.

## 4 CONCLUSÃO

A voz da minha filha recorre todas as nossas vozes recolhe em si as  
vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o  
agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância O eco da  
vida-liberdade.

Conceição Evaristo<sup>23</sup>

As epígrafes que formam esse trabalho de conclusão de curso são de um poema de Conceição Evaristo, cujo título é *Vozes Mulheres*. Esse poema intersecciona a existência das pessoas que são mulheres e negras, evidenciando, nesse ato, a luta pela existência. Faz um histórico de tudo que vivemos nesse solo e na nossa ansiedade por uma existência plena, ela atravessa gerações e se concretiza em cada ato de ruptura com o sistema que insiste em ignorar nossos corpos, nossas vivências. A intenção dessa produção foi evidenciar nossos corpos, trazendo para o centro da pesquisa as temáticas de gênero e raça, buscando no campo psicomotor a possibilidade de existência para nós, que somos mulheres e negras e negros. Por isso, ao longo dos capítulos, quis trazer essa referência e essa existência, pois é comum nos acostumarmos a não vermos a real população brasileira, e assim, ignorarmos a formação multicultural existente em nosso território.

Para operacionalizar a pesquisa apresentei a temática na introdução, para tal se tornou importante apresentar a sujeita que escreve essa produção, pontuando que esse trabalho tem o intuito de trazer um saber localizado para o espaço de produção acadêmico, rompendo assim com uma visão de ciência como possível de ser ‘neutra’. No capítulo 01 percorremos alguns conceitos para apresentar a Psicomotricidade e seu desenvolvimento enquanto ciência, fazendo nesse movimento um diálogo com as/os principais autores/as responsáveis por essa localização da Psicomotricidade enquanto ciência. Já no capítulo 02 apresentamos as definições de gênero e raça e como elas são constituintes de nossa identidade, para isso mobilizo autoras do campo do feminismo, assim como filósofos ligados as questões da diferença. No capítulo 03 foi apresentado o levantamento feito na tentativa de responder às questões de pesquisa aqui problematizadas e a análise do material produzido a partir desse levantamento.

---

<sup>23</sup> CONCEIÇÃO, Evaristo. *Vozes-Mulheres*. In CONCEIÇÃO, Evaristo. *Poemas de Recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

E chegamos aqui à conclusão, que não tem uma ideia de fechamento, mas sim de ainda colocar questões para um campo tão embranquecido e que tende a reproduzir estereótipos e preconceitos ao não questionar as naturalizações que são feitas no mundo social sobre as nossas diferenças. E que, ao mesmo tempo, em suas práticas recorre extensivamente aos saberes acumulados por populações indígenas e negras. Isso se faz através do uso das músicas e das danças, muitas vezes sem nem referenciar, dizer de onde veio aquele saber e dar os devidos créditos às filosofias e conhecimentos produzidos por estes povos.

Podemos observar através da pesquisa aqui realizada a invisibilidade das questões relacionadas com a diferença no campo psicomotor, destacando aqui, especificamente, as questões relacionadas a gênero e raça. Cabe-nos, interrogar ainda, conforme o início desse trabalho: como se busca o equilíbrio psicomotor se não considero a identidade do sujeito que realiza a prática? Como equilibrar/ integrar corpo e mente se não considero os pertencimentos desses indivíduos?

Vemos que as questões relativas a gênero, tanto no que se refere a papéis sociais de meninas e meninos quanto às questões relativas com a população LGBTQIA+, possuem alguma entrada no campo psicomotor, já que os artigos encontrados tinham essas temáticas, de maneiras tímidas, mas existentes. Entretanto, as questões relativas à raça, especificamente à negritude, não possuem entrada no campo de produção dessa ciência. Vide o fato de não encontrarmos nenhum artigo que mencionasse raça e/ou etnia. Entretanto, essa ausência também nos informa algo, diz sobre como a ciência psicomotora ainda precisa dialogar, urgentemente, com as teorizações sobre identidade, diferença, decolonialidade, feminismo, LGBTQIA+, para de fato conseguir seu objetivo primário: um corpo que seja inteiro.

Esse tipo de pesquisa nos ajuda ainda a questionar para quem é feita a prática psicomotora, entendendo que ela possui sim um corte classista, que no cenário brasileiro tende a direcionar a possibilidade de estar nessa prática, de utilizar esse serviço para certo tipo de pessoa. Entretanto, com a expansão dos atendimentos esse público tende a se tornar diverso, sendo necessário que o campo psicomotor entenda a urgência de pensar as questões relativas à diferença, que não se encerram na temática de gênero e de raça, mas que elas são importantes para pensar, também a diferença.

É importante que as pós graduações se sensibilizem para os questionamentos aqui produzidos, também, pois somente essa sensibilização poderá fazer com que esses temas sejam considerados dentro de suas grades de conteúdos/disciplinas, contribuindo, assim, com a possibilidade de maior debate das questões aqui apresentadas. Facilitando, dessa forma, que o campo psicomotor comece a considerar essas questões em sua produção do conhecimento.

Encerro esse processo de pesquisa com as questões propostas ainda em aberto, desejosa de que a prática psicomotora possa em um futuro próximo considerar esses elementos em sua ação, produção e em sua fundamentação teórica, pois em países como o Brasil, eles são elementos de grande relevo. Permitindo, assim, construir práticas alicerçadas em parâmetros mais condizentes com práticas democráticas, onde seres plurais sejam possíveis de existir e onde as mais diversas identidades possam encontrar acolhimento.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Ivanilda Maria e Silva; PEREIRA, Sonia Regina. A contribuição de Vygotsky e Wallon na compreensão do desenvolvimento infantil. *In Revista Linhas*, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1206>. Acesso em 19 de julho de 2023.
- BUENO, Jocian Machado. **Psicomotricidade teoria & prática**: estimulação, educação e reeducação psicomotora com atividades aquáticas. São Paulo: Lovise, 1998.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CARVALHO, Marília Pinto de. **Avaliação Escolar, Gênero e Raça**. São Paulo: Papirus, 2009.
- CASTILHO, Juliana; PINTO, Renata. A imagem corporal de crianças transgênero: contribuições da psicomotricidade. *In: ANAIS DO XV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE E II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOMOTRICIDADE*, 2022, Online. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/psicomotricidade-2022/trabalhos/a-imagem-corporal-de-criancas-transgenero-contribuicoes-da-psicomotricidade?lang=pt-br>. Acesso em: 30 de agosto de 2023.
- COSTA, Naira Zanelli; RESENDE, Lidiana Brum de Souza; TOLEDO, Cristina. Psicomotricidade e Educação Infantil: percepção das educadoras que trabalham com Maternal II e III. *In Caderno Científico Fagoc de Graduação e de Pós-Graduação – Volume II*, 2017.
- FONSECA, Vitor. Psicomotricidade: uma visão pessoal. *In Alves, Fátima. A infância e a Psicomotricidade – A pedagogia do corpo e do movimento*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.
- FROIS, Erica. A Educação Psicomotora e a Construção da Expressão de Gênero da Infância. *In I Congresso Internacional de Psicomotricidade e XIV Congresso Nacional de Psicomotricidade*, 2019. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/a-educacao-psicomotora-e-a-construcao-da-expressao-de-genero-na-infancia/>. Acesso em 07 de setembro de 2023.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *In Cadernos Pagu*, Campinas – SP, p. 07-41/1995.

HOUSTON, Drusilla Dunjee. **Grandiosos Etíopes do antigo Império Cuxita**. São Paulo: Ed. Ananse, 2021.

IBASE. **Cotas raciais: por que sim?** – Rio de Janeiro: IBASE, 2008.

LOREZON, Agnes Michele Delobel. **A Prática da Psicomotricidade no Município do Rio de Janeiro na Década de 80: uma análise descritivo-crítica**. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Humanidades – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação a História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Ed., 2006.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *In Estudos Feministas*, 16(2): 440, Florianópolis, maio-agosto, 2008.

MELO, Maria Socorro de Souza. **O desenvolvimento infantil X psicomotor**. 2006. Especialização (em Psicomotricidade). Departamento de Fundamentos da Educação – Universidade do Ceará, UFC.

MORIZOT, Regina. A história da Psicomotricidade e da Associação Brasileira de Psicomotricidade. Artigo revisado e atualizado do original publicado em PRISTA, Rosa Maria (Org). *As Formações Brasileiras em Psicomotricidade*. *In Revista Mosaico* (Edição Histórica). São Paulo: All Print, 2010. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/a-historia-da-psicomotricidade-e-da-abp/>>. Acesso em 30 de Agosto de 2023.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre o universal e a diversidade. *In Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n.34, jan./abr. 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

ROCHA, Lauro Cornélio da. As relações étnico-raciais, a cultura afro-brasileira e o projeto político-pedagógico. *In TRINDADE, AzoildaLoretto (Org.) Africanidades brasileiras e educação* [livro eletrônico]: Salto para o Futuro. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Carla%20de%20Oliveira/Downloads/Africanidades%20brasileiras%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 24 de Julho de 2023.

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: Princípios e Fundamentos. *In Cadernos da Fucamp*, Monte Carmelo – MG, v. 20, n. 43, p. 64-83/2021.

TAILLE, Yves de La. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. *In* TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, HELOYSA. **Piaget, Vygotsky e Wallon – Teorias Psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

VARELA, Nuria. **Feminismo para principiantes**. Barcelona: Ediciones B, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In* SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.